

Diplomacia e corrupção

J. O. de Meira Penna

Várias prestigiosas folhas da imprensa do Rio e de São Paulo, inclusive o *Jornal da Tarde*, têm levantado críticas severas à condução errática da política externa brasileira, orientada para o terceiro-mundismo. Obcecado com a Namíbia, o Itamaraty parece realmente encontrar-se em *apartheid* da realidade mundial. Não deixa de ser profundamente ridículo que, no momento mesmo em que o senhor presidente da República — o qual devia ter outras coisas para se preocupar... — lança especulações inócuas sobre a Namíbia em benefício de seu colega do Uruguai — o qual também devia ter outras preocupações —, os sul-africanos concluam com Moçambique um acordo de pacificação, patrocinado pelos americanos; e negociem com Angola um entendimento do qual poderá resultar a saída de soviéticos e cubanos daquela antiga colônia portuguesa. Ora, os nossos interesses vitais não se encontram na Namíbia, mas em Angola. É em Angola que a presença da esquadra soviética e de bases russo-cubanas constitui, isso sim (como acentuam os generais Golbery e Meira Mattos, os mais notáveis geopolíticos brasileiros), uma ameaça ao Atlântico Sul e à nossa segurança.

A contradição entre a postura do pensamento geopolítico militar e a cosmovisão terceiro-mundista, nacionalista e vagamente marxista-leninista dos jovens e brilhantes experts que controlam nossa política externa parecerá aberrante, se não procurássemos compreendê-la a partir de outras considerações. O movimento de 1964, que foi feito para combater o comunismo e terminou na diplomacia pró-soviética da atualidade, foi também realizado para eliminar a corrupção e assegurar o desenvolvimento do País num regime de iniciativa privada. E o que vemos? Uma burocracia socializante que domina talvez mais de 60% da economia. Aberração por aberração, uma não é pior do que a outra.

Em outra ocasião, nesta mesma folha, tive oportunidade de analisar o surgimento do “neutralismo” de nossa diplomacia. Ocorreu, em primeira edição, no jogo pró-nazista de Getúlio Vargas em 1938-40; em segunda edição, com a evolução esquerdizante do getulismo ideológico nacionalista-populista de 1953-54, para a Operação Pan-Americana de Juscelino Kubitschek, 1958, e para a “política externa independente” de Jânio Quadros e Jango — essas duas últimas fases presididas pelos gênios tutelares de Santiago Dantas e Araújo Castro; e, em terceira edição, para a atual fantasia que se concretizou a partir de 1974. O que quero salientar é a coincidência entre o vazio ideológico que se manifesta em matéria de política exterior, a acentuação do processo de estatização da economia e a corrupção que se generaliza nos altos escalões, com lamentáveis reflexos em toda a sociedade. Os três tristes processos não são independentes. O socialismo pode ser definido como a centralização do poder político e do poder econômico nas mãos das mesmas poucas pessoas. Os russos falam em “centralismo democrático”. Ora, o poder corrompe, como já acentuava Montesquieu. E o poder absoluto corrompe absolutamente, como acrescentava lord Acton. Uma política interna que tende ao absolutismo nacionalista, socializante e antidemocrático tenderá do mesmo modo para o rompimento com a aliança democrática ocidental.

O domínio do poder em Brasília por uma tecnocracia imbuída de preconceitos nacionalista-socializantes, dos quais o penchant esquerdista dos experts itamaratyanos constitui apenas um aspecto particularmente anômalo, traz consigo as sementes da corrupção. Foi o que se provou supinamente, por exemplo, no escândalo das polonetas, onde tive a oportunidade privilegiada de analisar diretamente o processo (mas quem

se lembra das polonetas? Onde estão? Que fim levaram?). O fenômeno se caracterizou paralelamente à deterioração de todo o sistema. A herança medíocre que nos deixou o presidente Geisel, na esplanada de Brasília, representa uma clara traição dos ideais em nome dos quais foi promovido o histórico movimento cujos 20 anos agora se celebram. Os herdeiros distinguem-se por sua incompetência, preguiça e passividade — ensejando a uma pequena minoria de aventureiros ambiciosos apossar-se das alavancas de comando. Na ex-Casa de Rio Branco os manda-chuvas são jovens “embaixadores” que nunca exerceram qualquer chefia de missão e que fizeram uma dúbia carreira na diplomacia demagógica da Onússia. Precisamente, prosperaram nos cenáculos onde triunfam os ressentidos preconceitos marxista-leninistas que fazem atribuir a pobreza e o subdesenvolvimento do “Terceiro Mundo” ao Ocidente democrático e capitalista. Ignorante da realidade cruel da vida internacional, limitada em sua visão ideológica, inibida pela covardia do princípio “sobretudo, que não me comprometam!”, mas, ao mesmo tempo, atrevida em suas iniciativas retóricas sobre as quais nenhum outro setor da administração exerce qualquer tipo de fiscalização (quem é que realmente se interessa pela Namíbia?), essa família de estilo siciliano consolidou-se com o sistema de “panelinhas” instalado pelo embaixador Azeredo da Silveira. O homem que falava muito em “ética” era uma espécie de Metternich dos pobres cujo excessivo personalismo a-ético praticamente destruiu a venerável tradição de serviço e de fidelidade ao espírito, esse sim verdadeiramente pragmático, de nossa velha diplomacia.

O sintoma mais clamoroso do mal que contaminou todos os escalões do serviço é o que se poderia chamar a inflação de embaixadores. A inflação carreirista teve aí, de fato, o mesmo efeito deletério que a inflação monetária exerce sobre a economia. Percorrendo a lista publicada pela Divisão do Pessoal do Ministério, encontro o seguinte: 88 ministros de primeira classe em exercício no Exterior ou chefiando departamentos; mais 17 agregados ou “aguardando número”; oito mais no humorístico “quadro especial” criado para corrigir a aposentadoria aos 70 anos, escandalosamente inventada por Silveira pro domo sua; e, finalmente, 20 ministros de 2ª classe comissionados em países de 2ª classe — ao todo 133 embaixadores! 133! (Vale reparar, à guisa de comparação, que os EUA, que são a mais rica e mais poderosa nação da Terra, só dispõem de seis embaixadores no grau respectivo da carreira!) Se levarmos em consideração que apenas 79 terceiros-secretários preenchem a base da pirâmide hierárquica, pode-se imaginar o tipo de seleção espúria que esse anômalo desvio proporciona. É como um exército que arregimentasse mais generais do que tenentes. Ou uma marinha que dispusesse de mais almirantes do que de fragatas ou corvetas. A falta de decoro chegou ao ponto, na universal disputa pelos postos bem remunerados em dólar, que se teve de inventar consulados gerais de primeira classe para locupletar velhos funcionários experimentados que passeavam, ociosos, pelos corredores da Casa.

A corrupção ideológica em suma — o que eu chamaria de Irrealismo Fantástico — é a ação inepta correspondem a um fenômeno que se prende à contaminação geral da vida pública pela centralização socializante-nacionalista, à procura do interesse pessoal — quando o mau exemplo vem de cima. A “panelinha” vale-se dessa atmosfera poluída para impor suas iniciativas diante de uma reação geral de inocência, indiferença e inércia.